



PATRONO DA  
EDUCAÇÃO BRASILEIRA

# Paulo Freire

## O SEMEADOR DE UTOPIAS

OS INÉDITOS VIÁVEIS DOS SONHOS IMPOSSÍVEIS

org.  
Ana Maria Araújo Freire  
Marília Pinheiro Machado de Souza  
edição  
Peri Mesquida

**PAULO FREIRE**

Patrono da Educação Brasileira

## **O SEMEADOR DE UTOPIAS**

Os inéditos viáveis dos sonhos impossíveis

**Ana Maria Araújo Freire**

**Marília Pinheiro Machado de Souza**

(Organizadoras)

**Peri Mesquida**

(Editor)



**PUCPRESS**

**Curitiba**

2022

## ARTE & LETRA

Coordenação: **Thiago Marés de Souza Tizzot**  
Capa, projeto gráfico e diagramação: **Frede Tizzot**

## PUCPRESS

Coordenação: **Michele Marcos de Oliveira**  
Edição: **Susan Cristine Trevisani dos Reis**  
Edição de arte: **Rafael Matta Carnasciali**  
Preparação de texto: **Juliana Almeida Colpani Ferezin**

© 2022, Paulo Freire, Ana Maria Araújo Freire,  
Marília Pinheiro Machado de Souza 2022, PUCPRESS, Arte & Letra

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido  
por qualquer meio sem autorização expressa por escrito das Editoras.

---

Freire, Paulo F866s  
O semeador de utopias : os inéditos viáveis dos sonhos impossíveis / Paulo  
Freire ; Ana Maria Araújo Freire, Marília Pinheiro Machado de Souza (orga-  
nizadoras) ; Peri Mesquida (editor). – Curitiba : PUCPRESS, 2022.  
232 p. ; 21 cm  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-65-5385-000-2 / 978-85-54945-98-5 (e-book)

1. Freire, Paulo, 1921-1997 – Discursos, ensaios, conferências.  
2. Educação popular. 3. Educação – Finalidades e objetivos. I. Freire, Ana  
Maria Araújo. II. Souza, Marília Pinheiro Machado de. III. Mesquida, Peri.  
IV. Título  
22-112 CDD 20. ed. – 370.115

---

## COLABORADORES

Edição técnica: **Peri Mesquida**  
Notas de rodapé explicativas: **Peri Mesquida**  
Leitura crítica: **Erasto Fortes Mendonça**  
Digitalização dos textos: **Fernando Marés de Souza**  
Organização dos textos: **Janaina de Paula Machado**  
Entrevistadores: **Tânia Maria Moreira Santos, Alexandre Aragão de  
Albuquerque, Maria Teresa Lisboa Nobre  
e Teresa Cristina Moreira de Lucena**

## **Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)**

**Reitor:** Ir. Rogério Renato Mateucci

**Vice-Reitor:** Vidal Martins

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Paula Cristina Trevilatto

### **Conselho Editorial**

Alex Villas Boas Oliveira Mariano	Kung Darh Chi
Aléxei Volaco	Léo Peruzzo Jr.
Carlos Alberto Engelhorn	Luis Salvador Petrucci Gnoato
Cesar Candiotto	Marcia Carla Pereira Ribeiro
Cilene da Silva Gomes Ribeiro	Rafael Rodrigues Wollmann
Cloves Antonio de Amissis Amorim	Rodrigo Moraes da Silveira
Eduardo Damião da Silva	Ruy Inácio Neiva de Carvalho
Evelyn de Almeida Orlando	Suyanne Tolentino de Souza
Fabiano Borba Vianna	Vilmar Rodrigues Moreira
Katya Kozicki	

Dados da Catalogação na Publicação

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR

Biblioteca Central

Luci Eduarda Wielganczuk – CRB 9/1118

### **PUCPRESS / Editora Universitária Champagnat**

Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da Administração - 6º andar

Campus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR

Tel. +55 (41) 3271-1701

[pucpress@pucpr.br](mailto:pucpress@pucpr.br)

### **ARTE & LETRA**

Rua Desembargador Motta, 2011

CEP 80420-162 – Curitiba / PR

Tel. +55 (41) 3223-5302

[www.arteeletra.com.br](http://www.arteeletra.com.br)



## **AGRADECIMENTOS**

Agradecimento para Fernando Marés de Souza pelo trabalho e acompanhamento da digitalização e para Janaina de Paula Machado pelo auxílio na organização dos textos.



# SUMÁRIO

## **PREFÁCIO**

Marília Pinheiro Machado de Souza.....9

## **APRESENTAÇÃO**

Peri Mesquita.....15

## **PARTE I**

“A educação brasileira: o sonho possível”,  
conferência proferida por Paulo Freire, no dia 04 de abril  
de 1992, no auditório do SENAC, em Curitiba (PR),  
promovida pelo escritório Arte & Letra,  
Educação e Cultura.....23

Lendo a palavra, desvendando o mundo.....23

O sonho acordado: a esperança como utopia em realização.....37

Educação brasileira: fazendo a escola.....59

Da releitura do mundo para a releitura da palavra,  
um que fazer dialético.....75

“A interdisciplinaridade”, conferência dialogada  
proferida por Paulo Freire, no dia 12 de junho de 1992,  
no auditório do SENAC, em Curitiba (PR), promovida  
pelo escritório Arte & Letra, Educação e Cultura .....83

Da educação como sonho, da utopia  
como inédito viável.....83



A pedagogia da alegria: ou das paixões e da alegria  
na escola como componentes do fazer educativo.....113

## **PARTE II**

Palestra proferida por Paulo Freire no Seminário “Sociedade  
em busca de uma práxis transformadora” (junho e novembro  
de 1987), realizado em Maceió (AL) pela Universidade  
Federal de Alagoas.....135

“Um encontro com Paulo Freire”, palestra proferida  
por Paulo Freire no dia 13/10/1983, na Universidade Estadual  
do Sudoeste da Bahia, em Vitória da Conquista (BA).....159

“Utopia e Poder”, palestra proferida por Paulo Freire no curso  
de extensão cultural “Igreja e Poder”, no dia 12/05/1984,  
na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo .....197

Entrevista de Paulo Freire concedida à Comissão Pastoral  
dos Pescadores (CPP/CNBB NE2), no dia 1º de maio de 1986  
em Recife (PE).....213

## PREFÁCIO

### MEMÓRIA DE UM ENCONTRO COM PAULO FREIRE

Relembrar um encontro com Paulo Freire é contribuir com a história da Educação Brasileira. No ano de 1992, mês de abril e mês de junho, promovemos encontros de quatro palestras com professor Paulo Freire, em Curitiba. O público presente composto de educadores curitibanos. Professores e professoras do ensino fundamental, médio e universitário. Muitos estudantes, alguns vereadores. Auditório lotado, com capacidade de 200 pessoas.

No dia 04 de abril, um registro muito marcante foi a entrada de Paulo Freire no auditório. A porta de acesso para plateia era pela parte de trás, portanto para chegar até a mesa dos trabalhos, que estava localizada no palco, precisava atravessar toda plateia. Quando o professor Paulo apareceu na porta de entrada com sua figura inconfundível e acolhedora, todos os presentes, ao mesmo tempo, se levantaram e aplaudiram demoradamente a sua passagem pelo espaço longo do auditório. Uma saudação inesquecível e muito emocionante, espontânea, digna daquele que foi um dos maiores educadores brasileiros. Houve muita emoção! Importante lembrar que após sua volta do exílio em Genebra, era a primeira vez que vinha à Curitiba.

Os textos presentes nesta publicação representam a fala de Paulo Freire, que embora gravadas em vídeo cassete, era o que dispúnhamos no ano de 1992, foram transcritas para CD e depois degravadas. Falas generosas, ditas com a simplicidade e a grandeza de Paulo Freire, ultrapassando o tempo,

tornando-se atuais porque faladas assim como se fossem para os dias de hoje. O título dos trabalhos: *A educação brasileira: o sonho possível*.

O auditório do SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) de Curitiba, onde se realizou o evento, estava lotado e algumas professoras que vieram para fazer inscrição em cima do horário previsto, sabendo que não havia mais lugares disponíveis, não se conformaram de não poder entrar. Paulo havia pedido que não puséssemos pessoas a mais do que lugares existentes, pois isso o deixaria muito cansado.

Entendo que três pontos pedagógicos sustentaram toda fala de Paulo Freire. O primeiro que é a leitura da palavra que remete a uma prévia leitura de mundo, leitura que é social, pois se faz na articulação entre a palavra e o mundo dos educandos. O segundo é a educação brasileira enquanto sonho possível, ou seja, a esperança de uma escola com qualidade de ensino e com direito de acesso para todos e todas, é o sonho para escola brasileira. Também, e não menos importante, a terceira questão foi a interdisciplinaridade que foi muito bem descrita, bem explicada. A interdisciplinaridade foi um dos pilares na gestão municipal de Paulo Freire no município São Paulo.

Paulo Freire foi secretário municipal de educação do município de São Paulo na gestão da prefeita Luiza Erundina (1989 a 1993). No mês de maio de 1991 deixou a Secretaria Municipal de Educação para ter tempo de continuar escrevendo. *“Não estou deixando a luta, mas mudando, simplesmente, de frente. A briga continua a mesma. Onde quer que eu esteja estarei me empenhando, como vocês, em favor da escola pública, popular e democrática”*, palavras de Paulo Freire. Assume, em seu lugar, o professor Mario Sergio Cortella, até então assessor em seu gabinete.

O registro do trabalho desenvolvido na Educação Municipal por Paulo Freire encontra-se publicado no livro *A Educação na Cidade*, uma ótima base de orientação para quem atua nesta importante área da educação pública.

No início dos trabalhos, Paulo Freire demonstra seu afeto ao paranaense Carlos Marés com quem se encontrava quando ia a trabalho para África, na Ilha de São Tomé e Príncipe, onde desenvolvia projeto de Alfabetização de Adultos e Carlos Marés era o advogado da ilha, coordenando os assuntos jurídicos. O livro *A importância do Ato de Ler*, merecedor de destacado prêmio, foi escrito por lá. A ilha tinha, à época, se tornado independente de Portugal. Retomava, assim, outro modo de vida, reconhecendo a participação popular e reformulando a educação, sua legislação e demais setores da sociedade.

As palestras proferidas por Paulo Freire aqui reproduzidas tiveram um valor pedagógico muito importante porque foram realizadas no formato de aulas, sendo que a relação criada foi de professor-aluno. O professor que explica, questiona, estabelece a crítica, repensa e o professor que cansa. Por vezes, pedia licença para o público e permanecia alguns minutos em profundo silêncio, sendo correspondido pelo total silêncio de todas e todos os presentes. Momentos muito significativos, que hoje me fazem lembrar um poema da curitibana Luci Collin,<sup>1</sup> que escreveu “*Os silêncios recuperam a porosidade das rochas, o advento das peças da flor, o insabido das brasas e a razão à palavra.*”

Paulo Freire mencionou muitos educadores e pensadores, tanto brasileiros como estrangeiros. Dos citados destaca-se: o psicólogo soviético Lev Vygotsky, estudioso do desenvolvimento da aprendizagem e a importância das relações sociais

---

<sup>1</sup> COLLIN, Luci. *Rosa que está*. São Paulo: Iluminuras, 2019.

nesse processo, o socioconstrutivismo; a argentina Emilia Ferreiro, que se dedicou ao estudo da alfabetização como uma forma de se apropriar das funções sociais da escrita. E também do psicólogo e filósofo suíço Jean Piaget, a quem se referiu como um gênio. A médica e educadora italiana Maria Montessori. O sociólogo e economista alemão Karl Marx que foi muitas vezes citado. George Snyders, filósofo francês e pesquisador na área da educação, que defende a alegria na escola. Paulo Freire escreve em seu livro *Educação na Cidade*: “*Sonhamos com uma escola que, porque séria, se dedique ao ensino de forma competente, mas, séria e competente ao ensino, seja uma escola geradora de alegria*”.

Toda sua narrativa lembra muito seu primeiro livro *A Educação como Prática de Liberdade*, embora tenha trabalhado palavras, explicando significados, como bom professor de português que foi de Colégio Oswaldo Cruz na cidade de Recife no início de sua carreira.

É importante mencionar também a importância que Paulo Freire deu ao incentivo da curiosidade como fator para desenvolvimento da aprendizagem e do conhecimento. Através da curiosidade os estudantes descobrem a pesquisa e todas as possibilidades de novos saberes.

Em sua narrativa, Paulo Freire cita os *livros falados*, terminologia que foi por ele criada para os livros que estabelecem uma relação de diálogos com outros autores e permitem fazer inter-relação com outros textos. Cita, assim, um *livro falado*, escrito por Moacir Gadotti, por Sérgio Guimarães e por ele, Paulo Freire, que se chama *Pedagogia: Diálogo e Conflito*. Mostra também as possibilidades de um texto ir fazendo ganchos para contextos, com outros textos, com experiências vividas pelos alunos, fazendo assim, o necessário exercício crítico dos livros lidos.

Termino este breve relato com a parte final da poesia de Thiago de Mello, *Canção para os Fonemas da Alegria*, publicada na abertura do livro *Educação como prática da Liberdade*, de Paulo Freire.

*Peço licença para terminar  
soletrando a canção de rebeldia  
que existe nos fonemas da alegria*

*canção de amor geral que vi crescer  
nos olhos do homem que aprendeu a ler*

*Santiago do Chile, verão de 1967*

**Marília Pinheiro Machado de Souza**  
Organizadora



## APRESENTAÇÃO

Leitores e leitoras de Paulo Freire, saibam que este não é um livro comum. Não foi escrito por ele, não está baseado em textos escritos por ele, nem é um livro dialogado, entre ele e outros educadores. É um livro falado que foi na sua origem ouvido, gravado e depois transcrito por mãos que não eram as dele. Mas, é uma obra inteira de Paulo Freire. Para editá-lo, tal como ele se apresenta agora, foi necessário ver e ouvir Freire dando palestras (vídeos), entrar na sua maneira peculiar de dizer as coisas e acompanhar seu raciocínio para, pela pontuação, traduzir as emoções, os sentimentos, as vibrações, as pausas, as continuidades, de forma a não trair a expressão das suas ideias e a força dos argumentos.

Dessa maneira, leitores e leitoras de Paulo Freire, assim como aqueles e aquelas que se encontram pela primeira vez com uma obra desse excepcional pedagogo, irão se deparar com um Freire a expressar suas emoções, sua raiva da maldade do modo de produção em vigor no Brasil e das “classes dominantes” que excluem e condenam à morte os “oprimidos”. Por isso, educadores e educadoras não podem estar no mundo de maneira apática à realidade, às injustiças, à negação da humanidade e às violências que destroem a natureza. Sua responsabilidade é uma responsabilidade diante da negação, da violência e da destruição da natureza, é uma responsabilidade ética, pois, “é no domínio da decisão, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade”. (FREIRE, 1997, p. 9).

Mas terão encontros também com o nordestino amante da sua terra e da sua gente que por elas luta e briga com amorosidade



enérgica. É um Freire informal, que gosta de dizer as coisas, maneja com destreza e força a palavra, abre parênteses e retorna ao ponto de onde parou sem perder o fio da meada. É um Freire intelectual militante em favor do que ele chama de educação progressista — uma educação como prática da liberdade com os oprimidos, pois “a educação não transforma o mundo. A educação muda pessoas e as pessoas transformam o mundo”; é também um Paulo amoroso das suas mulheres — aquela da qual ficou viúvo, Elza, e desta que ele deixou viúva, Nita —, dos filhos e filhas.

As palestras e a entrevista aqui apresentadas foram dadas em locais e tempos diferentes, no Brasil: na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, em Vitória da Conquista, Bahia, no dia 13 de outubro de 1983; na Universidade Federal de Alagoas, Maceió, nos meses de junho e novembro de 1987, e no auditório do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), em Curitiba, em abril e junho de 1992; a entrevista foi concedida a membros da Comissão Pastoral dos Pescadores (CPP/CNBB NE2), no dia 1º de maio de 1986, em Recife. Apesar da distância temporal que as separa, e os diferentes temas que ensejaram a intervenções de Freire, é possível perceber uma coerência harmoniosa no discurso e nas posições do conferencista, e uma certa continuidade progressiva nas abordagens. Por isso procuramos não mexer nas frases, nos parágrafos, na forma como ele fala: um livro falado e ouvido.

Ele gosta de debate e provoca a plateia para o diálogo, não com “o antagônico, pois com este o diálogo não é possível”, mas com o que pensa diferente cujos argumentos têm força científica, e não se baseiam “na doxa, na opinião”. É assim que ele vê também a dialogicidade na relação professor e aluno, ou educador/educadora e educando/educanda, no “ato educativo”. Sem diálogo não há educação libertadora, mas “educação bancária”,

na qual o educando e a educanda são simples depositários do conhecimento; memorizam para, em determinado ponto da ação pedagógica, passarem pelo exame. Não apreendem, nem aprendem, simplesmente “engolem” os conteúdos, sem que eles passem pelo processo necessário da crítica, do juízo, como esclarece: “Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos” (FREIRE, 1987, p. 34). Neste sentido, é reveladora a correção que Paulo Freire faz da expressão “ato educativo”, em uma das palestras de 1992, trocando-a por “ação educativa”, pois a educação não é um “ato”, algo estático, mas sim dinâmica, portanto, um “processo” dialógico. Somente pelo diálogo como método e como estratégia de prática pedagógica, se realiza a ação criativa e transformadora, pois é do choque dos contrários — não dos antagônicos — que se produz o novo. Em praticamente todas as palestras Freire defende a politicidade da educação, demonstrando que a neutralidade científica e, portanto, também a neutralidade da educação, é ideológica, falsa, um blefe. Se fosse hoje ele estaria certamente trazendo à tona o debate levantado desde 2004, pelo advogado Miguel Nagib, fundador do movimento Escola sem Partido, mostrando que a educação é política, ou não é educação. Historicamente, no Brasil, ela foi arma das elites, e “em sociedades cuja estrutura social e política é dominada pelas classes dominantes, a pedagogia dominante é a pedagogia das classes dominantes”, como escreve na obra *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 1987, p. 33), de certa maneira parafraseando Marx e Engels que escrevem: “As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material

dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante” (MARX; ENGELS, 2007, p. 47).

Portanto, para Freire, aqueles que propagam a ideologia de que a educação não é política, estão defendendo uma certa educação, a educação como política a serviço das classes dominantes, que se traduz na “malvadez de uma economia construída de acordo com a ética — ou ausência dela — do mercado, do vale-tudo, do salve-se quem puder, do cada um por si” (FREIRE, 2000, p. 150). Educadores e educadoras não podem estar no mundo de “maneira apática à realidade, às injustiças, à negação da humanidade e às violências que destroem a vida”. Ele diz em uma das palestras deste livro: “O meu sonho não é pedagógico, é político-pedagógico. Não é só pedagógico”, pois a educação brasileira é historicamente política, e dominada por aqueles que têm “o poder de determinar os conteúdos e os métodos em favor dos seus interesses”. Ela é, assim, “historicamente domesticante”, afirma Paulo Freire. Do ponto de vista crítico, escreve Freire, é tão impossível negar a natureza política do processo educativo quanto negar o caráter educativo do ato político, por isso é que

tanto no caso do processo educativo quanto no do ato político, uma das questões fundamentais seja a clareza em torno de *a favor de quem e do quê*, portanto *contra quem e contra o quê*, fazemos a educação e de *a favor de quem e do quê*, portanto *contra quem e contra o quê*, desenvolvemos a atividade política. (FREIRE, 1991, p. 15)

Conclui, Freire:

Quanto mais ganhamos esta clareza através da prática, tanto mais percebemos a impossibilidade de separar o inseparável: a educação da política. Entendemos então, facilmente,

não ser possível pensar, sequer, a educação, sem que se esteja atento à questão do poder. (FREIRE, 1991, p. 15)

Em uma das palestras que vocês lerão neste livro falado, Freire se manifesta de forma contundente contra o autoritarismo, também histórico no Brasil. O autoritarismo não aceita o diálogo; silencia o outro, como o Padre Antonio Vieira mostrou no seu sermão de 1640: uma sociedade silenciada é uma sociedade domesticada. E, para Freire,

a existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens e as mulheres transformam o mundo. Existir humanamente é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado se volta, por sua vez, problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar, dialeticamente (FREIRE, 1987, p. 78).

A pronúncia do mundo é uma capacidade de homens e mulheres originada da leitura do mundo; esta exige a leitura da palavra que, por sua vez, pede a sua expressão, a sua pronúncia, que se traduz pela denúncia das situações-limite impostas à sociedade pelo conservadorismo opressor, e pelo anúncio prático da sua superação, viabilizando o inédito sonhado.

Ao longo das páginas deste livro, Freire alerta continuamente, nas suas conferências, para a morte dos sonhos. Não podemos deixar os sonhos morrerem, pois eles são “o motor da história”. E a sociedade brasileira, que historicamente tem se caracterizado pela ação determinada de tornar os sonhos inviáveis, precisa ser reinventada na forma de um processo do despertar da esperança de que é possível construir uma sociedade melhor, mais justa, mais igual, mais humana. Não se trata de uma esperança

qualquer. Não a “esperança do verbo esperar, esta não é esperança, é espera. Esperança é se levantar, é ir atrás; esperança é construir, é não desistir; esperança é levar adiante; esperança é juntar-se com outros para fazer de outro modo” (Paulo Freire). O esperar é a ação de atualização da utopia, de fazê-la presente, materializá-la. Isso é o que Freire chama, na ação pedagógica, de caminho que vai da prática para a teoria, e desta para uma nova prática, da ação para a reflexão, e desta para a ação, realizando a práxis, uma verdadeira filosofia da práxis.

É possível dizer, parafraseando Paulo Freire, que *O Semeador de utopias: os inéditos viáveis dos sonhos impossíveis*, é um livro assim, falado com raiva, com emoção, com ternura, com amor, sem o que não há esperança. Uma ideia da tolerância, que não se confunde com a conivência, da radicalidade; é uma crítica ao sectarismo e uma recusa ao conservadorismo autoritário e excludente, machista, apegado ainda ao regime escravocrata colonial (FREIRE, 1992, p. 6). Um machismo que se expressa em coisas que se tornaram senso comum, mas refletem uma ideologia, como falar homem, incluindo aí a mulher, como se o vocábulo homem fosse capaz de universalizar os gêneros. Freire — vocês verão ao lerem este livro — faz um mea-culpa, dizendo que mesmo “colocando em risco a estética da frase, passei a dizer e a escrever: homem e mulher, educador e educadora”.

É um livro que conduz o leitor e a leitora a sonhar sonhos possíveis, mas também a sonhar sonhos impossíveis, para fazer destes inéditos viáveis plantados pela semente da utopia. Utopia não como um “não-lugar”, um lugar inexistente, mas como o lugar que **ainda** não existe e está pedindo para brotar pela ação de homens e mulheres, sonhadores e sonhadoras;

pela ação de educadores e educadoras que, como Paulo Freire, acreditam que a “utopia é revolucionária”, verdadeiros e verdadeiras semeadores e semeadoras das utopias presentificadas pela esperança em ação, pelo esperar.

É possível sonhar sonhos impossíveis e torná-los realidade? Paulo Freire nos auxilia a refletir sobre a resposta em meio às palestras transcritas nesse livro.

**Peri Mesquida**

### **Referências**

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. 1.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler – em três artigos se completam*. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1991.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.



Este livro traz cinco falas inéditas de Freire, tornado possível graças às organizadoras da obra, professoras Ana Maria Araújo Freire e Marília Pinheiro Machado de Souza, com a publicação por intermédio da coedição entre as editoras Arte & Letra e PUCPRESS. São palestras nas quais Freire, com enérgica amorosidade, faladas do Nordeste ao Sul do Brasil, em tempos diferentes, chama a atenção de educadores e educadoras, para o “dever de optar pela reinvenção do mundo e não pela repetição do que aí está. Portanto, uma opção libertadora e não uma opção reacionária”, conclamando para “esperançar o sonho possível e encarnar a utopia da amorosidade”. Lembrando constantemente que “há uma natureza política na ação educativa, como há uma natureza educativa na ação política”, ele alerta para o fato que “é impossível existir sem sonho. A vida na realidade me ensinou como grande lição que é impossível assumi-la sem risco”.

ISBN 978-65-5385-000-2



ARTE E  
LETRA

 PUCPRESS